

# A cartografia como expressão da sensibilidade: abdução, rizoma e criação

**Ione Maria Ghislene Bentz**

Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Pós-Graduação em Design, Porto Alegre, RS, Brasil  
ORCID <https://orcid.org/0000-0002-9149-5701>

## Resumo

Este artigo, de caráter teórico-reflexivo, versa sobre o tema cartografia, escolhido pela relevância que a ele se atribui em contraponto a mapeamento, o que implica reconhecer que as realidades observáveis são passíveis de reconhecimento e são de natureza racional e sensível. Ele objetiva desenvolver o conceito de cartografia como um processo operado pela sensibilidade, no sentido de responder ao desafio de trabalhar representações, intensidades e fluxos socioculturais, compreendidos como motores da criação de sentido. Os sentidos estruturam-se em rizomas, termos em interação e constante fluxo, os quais se organizam em teias emaranhadas cujas configuram territórios de simbolização. Esses movimentos são orientados pelo desejo. Esses territórios, embora dinâmicos e mutantes, permitem cartografá-los em seus deslocamentos. Para viabilizar essa formulação julgou-se necessário: (a) rever o nível de conhecimento da metalinguagem em relação à língua-objeto (na ordem de relações com metodologia e epistemologia), situando a metalinguagem em uma relação imediata com a realidade. O desaparecimento de uma circunscrição preliminar de recorte da realidade promoverá maior abertura para a interpretação, para a captura de elementos sem pertinência *a priori*, pelas linhas de força da assimilação ou da dispersão; e (b) retomar o conceito de abdução como raciocínio de descoberta, por excelência. Em consequência dessas proposições, será explorar o processo cartográfico no desenvolvimento das pesquisas aplicadas nos campos do design e da comunicação.

## Palavras-chave

Cartografia; Rizoma; Abdução; Criatividade

## 1 Introdução

### *In memoriam*

*Sobre essa temática eu e Alexandre escreveríamos juntos. A meus primeiros apontamentos somaram-se as observações de 'pé' de página do Alexandre. Datados de 2019/2020, esperamos demais para concretizar o projeto. A vida pregou-nos 'uma peça' trágica, ao roubá-lo de nosso convívio. Este texto materializa a intenção de uma parceria sempre deseja, mas postergada em razão das perturbações rizomáticas que fazem a teia da vida.*

Os estudos em design e comunicação encontram suporte na perspectiva da produção de significados por processos que articulam significação e comunicação, como uma só totalidade, cuja síntese dialógica, recursiva e hologramática (MORIN, 2015) ressignifica suas potencialidades investigativas. Ambos os campos de conhecimento privilegiam a criatividade, consubstanciada em processos projetuais criativos, de natureza simbólica. Essa base permitirá que entre em curso o processo de ruptura da cisão dicotômica, já como se anuncia no trato da questão rizomática.

Para o desenvolvimento do tema "cartografia" como atividade de descoberta, de invenção e de expressão da razão desejante e das emoções conceitos como abdução e rizoma foram recuperados para não mais do que estabelecer uma relação produtiva entre o pensamento abduutivo, a organização rizomática e a atividade cartográfica. Esses termos têm potência para sustentaram teses amplamente argumentadas e contrapostas, mas, neste artigo, são capturadas, em seus principais traços, para permitir avançar na discussão da cartografia. Considera-se que a cartografia pode ampliar e qualificar a identificação e interpretação das experiências da vida social, quer vista como processo, atividade ou técnica.

## 2 Sobre conhecimento e cartografia

Ao focar no tema cartografia, faz-se mister situá-lo no âmbito da investigação científica, o que requer tratar dos níveis de conhecimento nos quais ela, a cartografia se insere. Nesse sentido, propõe-se: (a) enquadrá-la no nível da metalinguagem, sem a mediação explícita da língua-objeto; e (b) situá-la em contraponto ao mapeamento, em função de responder ao princípio do desejo no reconhecimento das realidades circundantes. Essa captura seria feita à moda de um *flâneur*, palavra francesa que remete a um conjunto de associações semânticas referentes a preguiçoso, explorador, caminhante, observador, termo também atribuído àquele que "vaga sem propósito", mas que se tornou objeto de interesse

acadêmico (BENJAMIN, 1994) ao corresponder ao espectador que olha, descompromissado da exclusiva racionalidade positivista para o mundo que o cerca, ou para o trajeto que percorre, levado pelo desejo, pela memória afetiva, pelas emoções ou pela imaginação.

Essa operação é capaz de desenhar realidades simbólicas inimagináveis. Nesse sentido, realiza um papel mais do que de participante ativo e, sim, de artista ou criador. É, em decorrência, que as operações criativas situem o sujeito pesquisador diante de uma realidade ampla e volátil que não deveria ser aprisionada por mediações redutoras. As mediações aqui referidas correspondem, mais propriamente, ao recorte que a língua-objeto (um dos níveis de conhecimento) faz para circunscrever a metalinguagem. Dessa supressão de nível decorre a possibilidade de criar novas realidades, criações essas que podem, inclusive, se consubstanciar nas linhas de fuga (DELEUZE; GUATTARI, 1995), que podem estar dissociadas de suas fontes de origem e que, portanto, ganham autonomia no nível *meta* para produção de inovações sociais. Essa compreensão é particularmente relevante para que a interpretação da vida moderna possa afastar-se das forças sociais normativas, da hierarquia histórica, ou dos dispositivos culturais e tecnológicos coercitivos. Tal postura corresponde à prerrogativa de instalar no registro acadêmico os matizes da individualidade subjetiva e da autonomia, vetores da diferença na semelhança.

A cartografia pode ser compreendida como “interpretação”, não como um metatexto cujas semioses organizam referências que lhe são externas, mas como uma atividade discursiva autônoma de criação de sentidos que desafiam os consensos hegemônicos que normatizam a paisagem sociocultural. O que se propõe é inverter o movimento que vincula o metatexto, nesse caso, a um texto que lhe dá origem e imaginar o percurso inverso em que o metatexto opera sobre uma realidade expandida. Essa compreensão, se admitida, corresponde a afirmar que a significação já é metalinguagem da realidade, quer para espelhá-la, quer para subvertê-la, ou seja, ela pode ser um elemento referencial de origem e não de segundo nível de conhecimento. Se assim for, ampliam-se, sobremaneira, as possibilidades de invenção e de criatividade.

Na perspectiva de que a atividade cartográfica seja interpretativa de uma realidade imediata, feita por um sujeito menos comprometido com a ordem de uma racionalidade consensual e mais afeito à expressão das emocionalidades por essa racionalidade despertadas, cabe flexibilizar as amarras que submeteriam a metalinguagem a uma determinada metodologia, libertá-la da relação com a definição da língua-objeto e, portanto, a expressão metalinguística da cartografia abriria um leque variado de possibilidades

interpretativas de diferentes origens e configurações. Assim se processariam os deslocamentos que separam a realidade da vida vivida daquela da vida investigada, pensada ou sentida. Os processos criativos seriam, assim da ordem das práticas metalinguísticas, sejam elas crítico-reflexivas, sejam heurísticas.

Para que melhor se compreenda o argumento acima exposto (eliminação do nível da língua-objeto), recupere-se a proposta de níveis de conhecimento (GREIMAS, 1983). Na proposta de origem (BENTZ; FRANZATO, 2017) preveem-se correlações ou classificações e se reconhecem processos, ou seja, um conjunto de meios conceptuais necessários e suficientes, hierárquicos, mas recursivos, para produzir conhecimento. Assim, níveis foram propostos, em diferentes instâncias metalinguísticas, equivalentes a três linguagens, situadas em três níveis de existência lógica: a descritiva, a metodológica e a epistemológica.

O nível descritivo pressupunha um anterior a que se chamou língua-objeto (linguagem-objeto ou termo-objeto) que corresponde à passagem para o plano da investigação do que se chamará “res”, a realidade viva que flui no cotidiano, autonomamente dos nossos processos cognitivos. Usamos a notação “res”, expressão latina entre aspas, para marcar que não há referência a apropriações prévias da realidade pelo sujeito ou por uma cultura. Pelo contrário, estamos nos referindo a uma “res” que ainda não consideramos e que, portanto, nem sabemos como chamar na linguagem natural. Para indicá-la, podemos apenas recorrer a esse artifício linguístico. Assim distinguimos uma diferença de escopo: a língua-objeto, embora comprometida com a “res” que lhe é externa, com ela não se confunde, ou a ela equivale, no sentido lógico. As agregações de meta-, nessa exemplificação, serão feitas ao termo linguagem. Inicia-se, então, o processo descritivo crítico-reflexivo: metalinguagem, o primeiro nível, traduz a língua-objeto pela matriz que lhe fornece um segundo nível, metametalinguagem (ou metodologia) que, por sua vez, fornece as balizas para os fundamentos metodológicos, a partir de um dado ponto de vista epistemológico, esse correspondente à metametalinguagem (ou epistemologia). É preciso que se diga que: (a) esses níveis são recorrentes entre si e autorreferenciados; e (b) o movimento entre esses diversos níveis não é exclusivo da linguagem científica, mas acontece também na linguagem comum. A diferença entre elas é que a investigação científica está comprometida com termos, metodologias e epistemologias identificados pelo pesquisador e reconhecíveis pela comunidade de especialistas; já a metalinguagem, chamada de natural, em oposição à metalinguagem científica (GREIMAS, 1983) acontece no fluxo das falas, dos discursos e das conversações, no meio social.

Essa disciplina intelectual em busca de univocidade, exigência do texto científico, nada mais é do que a explicitação do sentido com que os termos são usados para que o teor da crítica possa ser entendido e para que o conhecimento formal e sistemático avance. E o processo de conhecimento é desencadeado pelas operações de metalinguagem, metodológicas e epistemológicas. É preciso que se diga, entretanto, que o desdobramento da reflexão em cadeia autorreferenciada, cujos elementos estão implicados entre si, pode não se realizar. Se ficar estabilizada no nível de metalinguagem, resultará uma rede sinonímica de equivalências, redundância marcante nos processos de linguagem cotidiana de comunicação. Um processo desse tipo terá relevância relativa, se mantido entre os três níveis de conhecimento e rompida a conexão com a língua-objeto, ruptura de que resultará abertura, inovação e criatividade.

Após essa digressão, retome-se a cartografia para situá-la no processo investigativo. Tal como foi proposto, distingue-se do mapeamento, identificador de realidades estáveis, pelo fato de ser um desenho que acompanha e faz ao mesmo tempo os movimentos de transformação das paisagens psicossociais também cartografáveis. O *flâneur* não é um distraído, ou um desastrado, mas um tipo de antropólogo atento ao modo como seu desejo percebe qualquer fenômeno da existência humana, sejam elas mudanças na sensibilidade coletiva, vivências manifestadas, significados apenas sugeridos, enfim a todas as manifestações coletivas ou individuais. O cartógrafo embarca na constituição de territórios existenciais, na constituição da realidade simbólica. Seu fazer não segue protocolos formalizados; seu norte é um tipo de sensibilidade com que ele se propõe operar. As representações, as intensidades e os fluxos são seu permanente desafio e é esse desafio o próprio motor da criação de sentidos. Para ele, nesses níveis de representação, não é possível definir um método, ou uma referência teórica, ou um procedimento técnico, pois ele usa percepção sensível para desenhar territórios de todas as naturezas.

### 3 A propósito, a abdução

Entre as formas de realização de inferências pela dedução e indução está a abdução, uma terceira modalidade não demonstrativa, mas potente para chegar à interpretação pela articulação de signos indiciais que, de modo progressivo permitem chegar a descobertas ainda não identificadas, não existentes ou não abordadas. Peirce aborda essa questão em profundidade, mas, no escopo deste artigo, aparece como forma de conhecimento relevante

para a reflexão sobre cartografia, no que se lhe atribui de reveladora, transformadora e inaugural. A inspiração para o trato dessa questão vem desse autor. Assim, a abertura produzida pela abdução assemelha-se à intuição dos artistas e remete a um espaço aberto de aquisição de conhecimento, em contraponto ao efeito comprobatório da modalidade dedutiva, ou indutiva, pelo qual um conjunto de realizações particulares, iguais ou semelhantes, leva à formulação de teoria no ponto final do processo. A abdução é a única operação lógica capaz de introduzir ideias novas, sugerindo o que algo pode ser. O objetivo é descobrir alguma coisa que ainda não conhecemos (hipótese explicativa), a partir de algo que já conhecemos (juízo perceptivo), reconhecendo, assim, que o primeiro momento desse processo é a escolha de uma hipótese que possa servir para explicar determinados fatos empíricos. Enfim, a abdução faz uma mera sugestão do que algo pode ser.

É no âmbito da investigação sobre a possibilidade de uma lógica da descoberta, que Peirce (1975) introduz o conceito de abdução. Esse conceito é proposto como o terceiro tipo de inferência, como um novo tipo de raciocínio em paralelo à dedução e à indução. Essa sequência de afirmações – “Todas as ideias da ciência ocorrem pela abdução”; “A abdução consiste em estudar factos e inventar uma teoria para os explicar”; “A abdução é o processo de formação de hipóteses explicativas”; e “É a única operação lógica que introduz novas ideias” (PEIRCE, 1975, p.71) – situam a abdução na base de todo o conhecimento e o único caminho que pode levar à descoberta de novas ideias. Ela personifica a transformação e autoriza proposições que podem não ter a menor possibilidade de serem verificadas.

A percepção tem sempre um fundo abduativo e interpretativo. Enquanto a inferência abduativa pode ser negada, os juízos perceptivos não permitem sua negação. Só são admissíveis as hipóteses das quais podemos conceber determinados efeitos práticos sensíveis que guiarão a conduta de quem as formulou. Para Peirce (1977, p. 47-52) “o conhecimento repousa sobre juízos perceptivos e a verdade do juízo consiste na correção lógica das inferências”. A inferência abduativa estabelece que para um fato reconhecido como verdadeiro deverá ter uma hipótese explicativa também verdadeira.

É nesse contexto teórico que a cartografia estará inserida. A base cartográfica é abduativa.

## 4 O rizoma, mas não só

O conceito de rizoma abre perspectivas para a compreensão da vida em um sentido mais amplo, considerando a complexidade que lhe é inerente. Compreendendo o processo pela diferença, imanência ou multiplicidade, propõe que a construção do conhecimento é um devir que comporta anseios e acontecimentos não apenas objetivados por prosaicas conexões. Dois princípios caracterizam o rizoma: (1) o da conexão, segundo o qual, em um sistema rizomático, todos os pontos podem ser conectados sem referências hierárquicas ou centralidades; e (2) o da heterogeneidade, derivado da noção de realidade complexa, segundo o qual diferentes pontos coexistem em movimento e formam conexões diversas e múltiplas (DELEUZE; GUATTARI, 1995). Derivada desses princípios, a multiplicidade que anula as dicotomias e a ruptura que não anula a significação, antes potencializam as reconfigurações. Para esses autores, a cartografia não é decalque, mas expressão de uma representação “[...] ancorada no real, aberto, desmontável, reversível, sujeito a modificações permanentes, sempre com múltiplas entradas, uma representação rizomática” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 47). E nada melhor do que a cartografia para expressá-la. Alternam-se percepções conscientes e inconscientes, e com elas surgem novos enunciados, outras racionalidades e outros desejos.

A formulação rizomática beneficia-se da proposição de três tipos de linhas de segmentaridade: as duras, que remete à rigidez da institucionalidade e se apresenta como dado naturalizado, as linhas flexíveis e as linhas de fuga. Essas linhas, em especial as flexíveis e de fuga, representam atravessamentos criativos nas redes emaranhadas das conexões. As linhas são os agenciamentos, as passagens que conectam os vários elementos heterogêneos “[...] tanto da ordem biológica, quanto social, maquínica, gnosiológica, imaginária” (GUATTARI; ROLNIK, 1993, p. 381).

Se até aqui rizoma, a partir daqui não só. Foram Deleuze e Guattari que abriram a discussão que preparava a escrita conjunta de um artigo sobre Cartografia. Desse diálogo, resultaram: (1) o conceito de cartografia como interpretação de base rizomática mostra potencialidade, desde que se entenda que interpretar não é desvelar significados ou representar, no sentido de estar em lugar de, mas interpretação como agenciamento dinâmico das possibilidades significativas simbólicas, ou seja, é processo sempre revitalizado pelo desenho rizomático das conexões; (2) interpretar interpretando é o mote, em analogia com o produzir produzindo, afirmação que ancora a processualidade que deve estar presente

em todas as instâncias reflexivas ou projetuais. Em termos cartográficos, não se trata de mapear apenas o observável, mas de resignificá-los não apenas pelo que se vê, mas “pelo que se pode ver” pelos olhos do desejo e da imaginação. Faz-se uma ilação abductiva como tipo de conhecimento capaz de inaugurar novas formas de significar; remete-se ao rizoma pautado pela multiplicidade, mediada pela unidade, mas realizável na processualidade. Caracteriza-se, assim, a cartografia como processo rizomático abductivo; (3) os agenciamentos e as linhas falam de uma multiplicidade que tem sua natureza alterada, à medida que aumentam as conexões, não pelas estruturas, mas pelas operações promovidas pelas linhas de força propostas. Existem somente linhas, é o que afirmam Deleuze e Guattari (1995). O pensamento rizomático se move e se abre, explode em todas as direções e não se fecha sobre si mesmo. É sempre ultrapassado pelas linhas cujo movimento o constitui. A vida parece ser melhor representada pelo atravessamento da linha intensiva do desejo que a configura como heterogênea e disruptiva; (4) as linhas, como dispositivos de constituição heterogênea e mutável, seguem direções diferentes, mas são dependentes entre si e formam processos sempre em desequilíbrio pelo seu movimento de aproximação ou afastamento. O movimento das linhas são vetores de transformação e descoberta; (5) o conceito de dispositivo, como ordenado pelas linhas de força para formação de uma rede heterogênea, ajuda a pensar os vetores da criação e da desconstrução que compõem a natureza da cartografia. Entende-se que o fato de ser o dispositivo programável, não o torna controlável. Por essa dinâmica são responsáveis as linhas de força – de subjetivação, de fuga, de fissura, por exemplo. Produzir dispositivos como agenciamentos requer pensar em rizomas; (6) a abordagem de relações ecossistêmicas criativas pela qual um tipo de design estratégico é compreendido (relações que podem pautar os processos midiáticos ou os processos linguageiros) oportuniza tratá-las como redes de elementos heterogêneos. O sistema criativo está a potencialidade (como rizoma, caos, não-ordem), ou nos cenários. É possível pensar um universo de potencialidades que envolvem os cenários, por exemplo, que são, em última instância, o que se cria como resultado do processo. A um tempo, integram o processo e se constituem como coordenadas espaço-temporais atualizadas; (7) as conexões que organizam os rizomas se constituem em acontecimentos? Essa questão abre a possibilidade de compreender a própria conexão como acontecimento que se efetiva pelas conexões realizadas. Esse deslocamento parece fundamental para pensar a cartografia; (8) se reconhecemos que a atividade do cartógrafo se caracteriza pela sensibilidade dos sentidos de seu corpo, esse corpo é tão mais relevante quanto menos for identitário. Esse esforço de identidades plurais pode beneficiar-se pelo

reconhecimento dos corpos, das sensibilidades e das identidades como processos de semiose; (9) é de se reconhecer que as conexões, tal como são definidas rizomaticamente, reconhecem a existência de crenças e hábitos, de visões ou de conceitos já estabelecidos e hierarquizados pela linguagem. Nesse ambiente, formulam-se as heterogeneidades, as multiplicações e as transformações: (10) dizer da impossibilidade de controlar as relações de conexão rizomática, é dizer da impossibilidade de programá-las. Essa afirmação coloca em pauta a possibilidade de programar, ou, no mínimo, passa a exigir uma nova compreensão para os programas. Da mesma forma, ideias como duração, materialidade sensível, multiplicidade de relações possíveis, materialidades tangíveis e intangíveis, abertura e ordenação comportariam ressignificações.

## 5 Considerações finais

A título de finalização, reafirma-se o caráter preliminar e inconcluso das reflexões feitas neste artigo. Seria lugar comum referir a não-exaustividade que toda a pesquisa ou texto trazem em si, uma vez que o espaço para o conhecimento é ilimitado. Nesse caso específico, optou-se por escolher temas conectáveis entre si que, por sua relevância científica e pela produção bibliográfica qualificada, poderiam ser mais exhaustivamente trabalhados. Talvez o que se tenha pretendido fazer foi pontuá-los, sem exauri-los, indicá-los em novos arranjos e tratá-los de modo a não serem subjugados. Se as rupturas e a fragmentação surtirem o efeito desejado, o objetivo terá sido alcançado.

## Referências

- BENJAMIN, W. **Charles Baudelaire: um lírico o auge do capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BENTZ, I.; FRANZATO, C. The relationship between Strategic Design and Metadesign as defined by the levels of knowledge of design. Strategic. **Design Research Journal**, São Leopoldo, v. 10, n. 2, p. 134-143, 2017.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs**. São Paulo: Editora 34, 1995.
- GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica: cartografia do desejo**. Petrópolis: Vozes, 1993.
- GREIMAS, A. J. **Semântica estrutural**. São Paulo: Cultrix, 1983.

MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

PEIRCE, C.S. **Semiótica e filosofia**. São Paulo: Cultrix, 1975.

PEIRCE, C. S. **Semiótica**. São Paulo: Perspectiva, 1977.

## **Cartography as an expression of sensitivity: abduction, rhizome and creation**

### **Abstract**

This theoretical-reflective article deals with the topic of cartography, chosen for the relevance attributed to it in contrast to mapping, which implies recognizing that observable realities are capable of recognition and are of a rational and sensitive nature. It aims to develop the concept of cartography as a process operated by sensitivity, in the sense of responding to the challenge of working sociocultural representations, intensities and flows, understood as engines for the creation of signification. The meanings are structured in rhizomes, terms in interaction and constant flux, which are organized in tangled webs which configure territories of symbolization. These movements are guided by desire. These territories, although dynamic and changing, allow their cartography based on their movements. In order to make this formulation viable, it was deemed necessary: (a) to review the level of knowledge of the metalanguage in relation to the object-language (in the order of relations between methodology and epistemology), placing the metalanguage in an immediate relation to reality. The disappearance of a preliminary circumscription of a cutout of reality will promote greater opening for interpretation, for capturing elements without a priori pertinence, along the lines of force of assimilation or dispersion; and (b) resume the concept of abduction as discovery reasoning, by excellence. As a result of these propositions, it will explore the cartographic process in the development of applied research in the fields of design and communication.

### **Keywords**

Cartography; Rhizome; Abduction; Creativity

### **Autoria para correspondência**

Ione Maria Ghislene Bentz  
loneb@unisin.br

## Como citar

BENTZ, Ione Maria Ghislene. A cartografia como expressão da sensibilidade: abdução, rizoma e criação. **Intexto**, Porto Alegre, n. 54, e-120463, 2022. <http://doi.org/10.19132/1807-8583202254.120463>

Recebido em 30/11/2021

Aceito em 07/02/2022

